



Ilha das Enxadas

A ESCOLA NAVAL

1ªTEN (RM2-T) Tatiana Alves Prates

Na segunda metade do século XVIII, a Marinha Portuguesa havia alcançado grandeza e destaque diante de outros países no cenário internacional. Para se manter neste padrão era necessário que seu poder naval fosse comandado por profissionais qualificados que tivessem conhecimento em várias áreas. Com essa finalidade, surgiu a necessidade de se criar uma Academia onde fossem formados e treinados Oficiais que teriam conhecimentos em Matemática, Física, Astronomia, Geografia e, naturalmente, Navegação. Partindo desse propósito, finalmente, Portugal criou as primeiras organizações com este fim em 1761, localizada em Lisboa e Porto. Porém, essa tentativa de se formar oficiais nestes moldes não funcionou, mostrou-se de pouca aplicação para as necessidades da época.

Dessa forma, em 14 de dezembro de 1782, em Lisboa, foi criada a Academia Real de Guardas-Marinha, que tinha por finalidade apurar a preparação dos futuros oficiais da Armada, pois durante o período de preparação, teriam formação militar, além da formação acadêmica. O decreto que criou a Academia Real de Guardas-Marinha determinava o seguinte: “que na

Marinha haja oficiais hábeis e instruídos para me servirem com utilidade”¹.

Os primeiros estatutos da Academia Real de Guardas-Marinha são de 1796, por essa razão muitos historiadores brasileiros e portugueses apontam esta data como ano de criação da Academia, pois, até então, a legislação portuguesa não a mencionava.

A Academia continuou funcionando e formando oficiais em Portugal até os primeiros anos do século XIX, quando ocorre o Bloqueio Continental. O Bloqueio foi a proibição imposta por Napoleão Bonaparte com a emanação, em 21 de novembro de 1806, do Decreto de Berlim, que consistia em impedir o acesso a portos dos países então submetidos ao domínio do Império Francês a navios do Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda. Com o decreto, buscava-se isolar economicamente as Ilhas Britânicas, sufocando suas relações comerciais e os contatos com os mercados consumidores dos produtos originados em suas manufaturas.

¹ ALBUQUERQUE, Antonio Luiz Porto e. *Da Companhia de Guardas-Marinhas e Sua Real Academia à Escola Naval: 1782 - 1982*. Rio de Janeiro: Xerox do Brasil, 1982.

Entretanto, Portugal não obedeceu às determinações da França e furou o Bloqueio, comercializando com esses países, fazendo com que Napoleão Bonaparte ameaçasse invadir Portugal.

Nessa época, Dom João era o Príncipe Regente, que assumira o trono português, porque sua mãe, Dona Maria I, apresentava problemas psicológicos. Na tentativa de se manter a integridade do Império Português, que se encontrava sob as ameaças do exército francês, Dom João decidiu transferir a Corte Portuguesa para o Brasil, sua Colônia na América, tornando, então, o Rio de Janeiro a Capital do Reino Português.

Com a Corte Portuguesa, transferiu-se também para o Brasil a Academia Real de Guardas-Marinha. Nenhuma outra instituição de ensino mudou-se para o Brasil. A Universidade ficou em Coimbra, a Aula de Comércio e as Academias Reais de Marinha quedaram-se no Porto e em Lisboa. Porém, a Academia Real de Guardas-Marinha cruzou o Atlântico a bordo da nau *Conde Dom Henrique* e, em 18 de janeiro de 1808, chegou à Baía de Guanabara.

Em maio do mesmo ano, a Academia instalou-se no Mosteiro de São Bento, que foi sua primeira sede. A Academia Real de Guardas-Marinha inaugurou, no Brasil, os estudos superiores, tendo o seu primeiro ano letivo em 1808.

Em 1810, o Infante Almirante Dom Pedro Carlos mandou abrir ao público a Biblioteca da Academia Real de Guardas-Marinha, pois não havia, na Corte, Biblioteca pública. Esta iniciativa daria origem à Biblioteca Nacional.



Mosteiro de São Bento

No ano de 1821, Dom João VI, Rei do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves, regressou para Portugal, deixando seu filho Dom Pedro como Príncipe Regente. A Academia continuou funcionando no Brasil.

No ano seguinte, 1822, com a Independência do Brasil, alguns integrantes da Academia juraram fidelidade a Dom Pedro, intitulado Dom Pedro I. Os que não quiseram permanecer no Brasil tiveram autorização para voltar para Portugal, onde organizaram a Companhia de Guardas-Marinha. Em 1845, no reinado de Dona Maria II, filha de Dom Pedro I, brasileira de nascimento, criou-se a Escola Naval Portuguesa.

A Academia Real de Guardas-Marinha funcionou no Mosteiro de São Bento de 1808 até 1832. Neste ano fundiu-se à Academia Militar, criada em 1810, para formar oficiais do Exército. Com esta união, passou a funcionar no Largo de São Francisco, com o nome de Academia Militar e de Marinha. Essa experiência durou até o ano seguinte, 1833, quando a Academia retornou ao Mosteiro de São Bento.

Em 1839, a Academia Real de Guardas-Marinha já era chamada comumente de Academia de Marinha. A partir deste ano passou a ter como sede a nau *Dom Pedro II*, fundada na Baía de Guanabara, onde permaneceu por 10 anos.

A Academia de Marinha funcionou, entre os anos de 1849 a 1867, no prédio do Largo da Prainha, atual Praça Mauá. Em 1858, a Academia passa por importantes reformas para adaptar-se às exigências da Revolução Industrial, com a introdução do vapor e do aço. Nesta época, passou a se chamar Escola de Marinha, cujo responsável deixou o título de Comandante e passou a ser Diretor, e a Companhia de Guardas-Marinha foi sucedida pela Companhia de Aspirantes a Guardas-Marinha.

A partir de 1867 até 1882, a Escola de Marinha funcionou a bordo da Fragata Constituição. Nesta mesma época, a Princesa Isabel criou, em 1876, o Colégio Naval, como curso preparatório para ingressar na Escola de Marinha.

Em 1882, a Escola de Marinha já completava 100 anos de existência e uma nova transferência aconteceu, passando a ter como instalação o Arsenal de Marinha e o aquartelamento dos Aspirantes em navios.

A PRIMEIRA FASE DA ESCOLA DE MARINHA NA ILHA DAS ENXADAS

Entre os anos de 1883 e 1914, a Escola de Marinha funcionou na Ilha das Enxadas, onde hoje se localiza o

Centro de Instrução Almirante Wandenkolk (CIAW). Em 1886, após sofrer a fusão com o Colégio Naval, a instituição recebeu o nome de Escola Naval, título que utiliza até os dias atuais. Em 1893, sofreu o drama da Revolta da Armada. Nesta época a Escola fechou suas portas e reabriu apenas em 1895. Em 1899, criou-se um novo curso, o de maquinista.

A FASE DA ESCOLA NAVAL EM ANGRA DOS REIS

Entre 1914 e 1919, a Escola Naval funcionou em Angra dos Reis, Fazenda da Enseada da Tapera, onde é hoje o Colégio Naval, num prédio recém-construído. Nesta época, os cursos de máquinas fundiram-se, em 1920 separaram-se e em 1923 uniram-se novamente.

A SEGUNDA FASE DA ESCOLA DE MARINHA NA ILHA DAS ENXADAS

Em 1920, a Escola Naval regressou ao Rio de Janeiro e instalou-se na Ilha das Enxadas, onde permaneceu até 1938, quando se transferiu para a Ilha de Villegagnon. Ainda na Ilha das Enxadas, em 1937, a Escola Naval começou a dar três cursos distintos, que formariam oficiais para o Corpo da Armada, para o Corpo de Fuzileiros Navais e para o Corpo de Intendentes da Marinha.

A construção, erguida na Ilha de Villegagnon, foi a única instalação projetada para abrigar a Escola Na-

val, pois todas as outras anteriores haviam sido adaptadas para recebê-la.

A FASE DA ESCOLA NAVAL NA ILHA DE VILLEGAGNON

Em 1938, a Escola Naval fixou-se na Ilha de Villegagnon, Ilha que nos séculos anteriores foi palco de grandes acontecimentos históricos, tendo sido chamada pelos franceses, no século XVI, de Forte Coligny, onde pretendiam fundar a França Antártica, cuja capital seria denominada Henriville, em homenagem ao Rei de França, Henrique II. As pretensões francesas não se concluíram, pois o terceiro Governador-Geral, Mem de Sá, conseguiu sufocar as forças francesas, tomando a fortaleza para Portugal.

Ao expulsar os franceses da Baía de Guanabara, Mem de Sá pronunciou as seguintes palavras a respeito da Ilha de Villegagnon: *“Posto que vi muito e li menos, parece-me a mim que se não viu outra fortaleza tão forte no mundo.”*²

Em setembro de 1711, a Ilha de Villegagnon volta a ser palco de novos acontecimentos. Os navios do corsário francês René Duguay-Trouin lançam fogo sobre o paiol de pólvora da Ilha. A explosão resultante destruiu a estrutura existente. A Fortaleza, por determinação do Governador do Rio de Janeiro, Gomes Freire de Andrade, foi reconstruída em maiores dimensões a partir de 1761. Villegagnon foi o primeiro ponto atacado e neutralizado, antes da invasão da cidade do Rio de Janeiro por Duguay-Trouin.

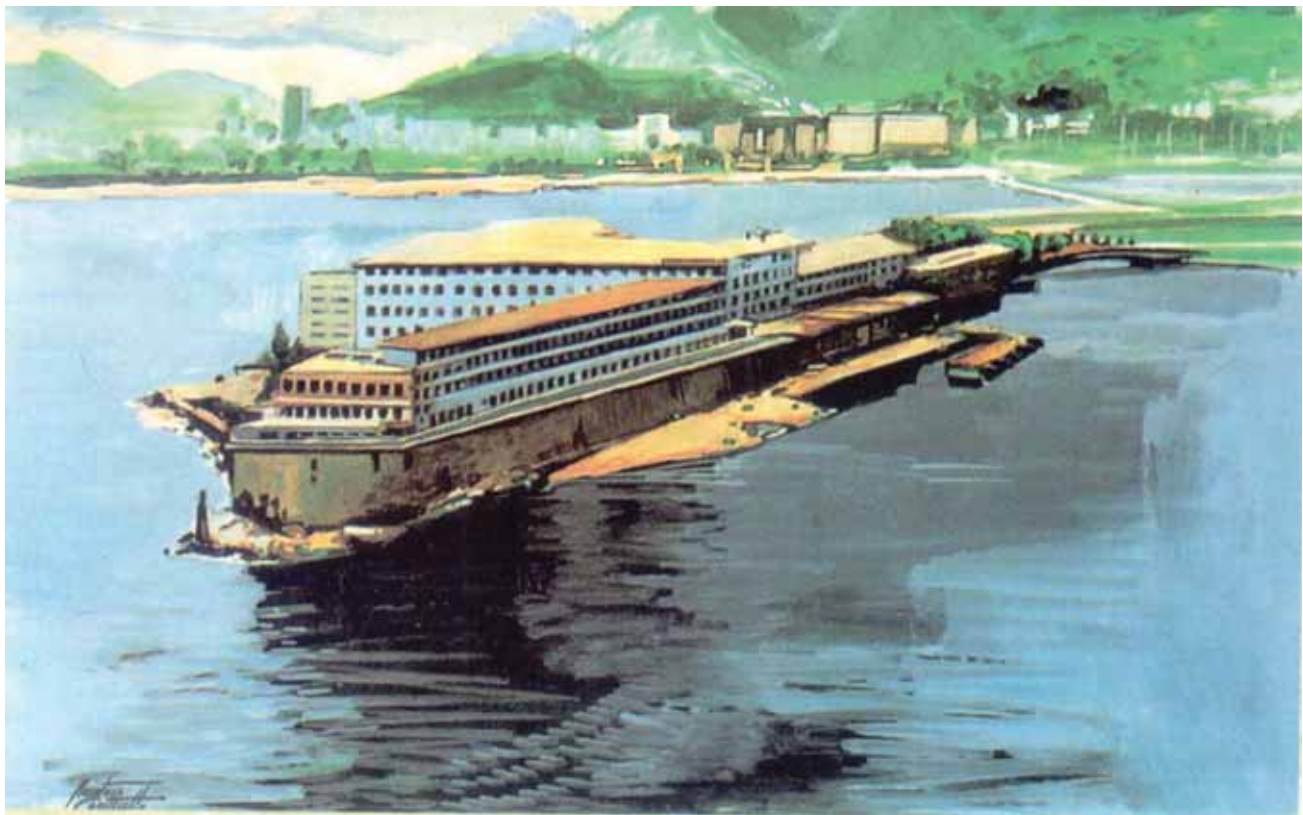
Em 1893, durante a Revolta da Armada, a Ilha de Villegagnon foi duramente arrasada pelos tiros das Fortalezas governistas de Santa Cruz, Laje e São José, sendo reconstruída para receber a Escola Naval em 1938.

A Escola Naval é a mais antiga instituição de ensino superior do Brasil. Nasceu em Portugal em 1782, atravessou o Atlântico, instalou-se em vários locais, como a bordo de navios, até encontrar um porto seguro na Ilha de Villegagnon. Atravessou os séculos, formou gerações de oficiais que serviram à Pátria, vivenciou vários fatos históricos, entre eles duas Grandes Guerras, porém mantém seu brilho até os dias atuais, destacando-se pela sua excelência no ensino e nas suas instalações.



Angra dos Reis

² Mem de Sá. Terceiro e último Governador-geral do Brasil. Frase dita ao expulsar os franceses da Baía de Guanabara.



Vista da Ilha de Villegagnon, antes da modernização iniciada em 1998.

BIBLIOGRAFIA

ALBUQUERQUE, Antonio Luiz Porto e. Da companhia de Guardas-Marinhas e sua Real Academia à Escola Naval; 1782-1982. Rio de Janeiro: Xerox do Brasil, 1982.

ANCHIETA, Joseph de. De estis Mendi de Saa. Arquivo Nacional. 1958.

BOITEUX, Lucas Alexandre. A Escola Naval (Seu histórico 1761-1937). Rio de Janeiro Imprensa Naval, 1940.

FERREZ, Gilberto. O Rio de Janeiro e a defesa de seu porto 1555-1800. Serviço de Documentação Geral da Marinha. Rio de Janeiro, 1972.

MARIZ, Vasco; PROVENÇAL, Lucien. Villegagnon e a França Antártica. Rio de Janeiro; Nova Fronteira, 2000.

PEILLANRD, Leonce. Villegagnon: vice-amiral de Bretagne, vice-roi du Brésil. Paris: Librairie Académique Perrin, 1991.

MAIA, João do Prado. Quatro séculos de lutas na baía do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação Geral da Marinha, 1981.

NAVIGATOR. Construções Históricas da Ilha de Villegagnon. Rio de Janeiro, Serviço de Documentação da Marinha, n. 41 dez. de 2005.

WETZEL, Hebert Evaldo. Mem de Sá; terceiro governador-geral: 1557-1572. Rio de Janeiro. Conselho Federal de Cultura, 1972